

# azulejo

## > A peça

Azulejo em barro vidrado, quadrangular com cerca de 15,5 centímetros de lado e algumas falhas laterais. Possui decoração geométrica com estrela de oito pontas no centro inscrita em dois quadrados entrelaçados com fundo octogonal.

Fabricado com a técnica de *corda seca*, combina quatro cores, branco, azul, verde e melado, delimitadas entre si por sulcos bem definidos.

Esta peça é datada da primeira metade do século XVI.



Azulejo BPX - AZ271 | © M. Farinha

## ✓ O grupo

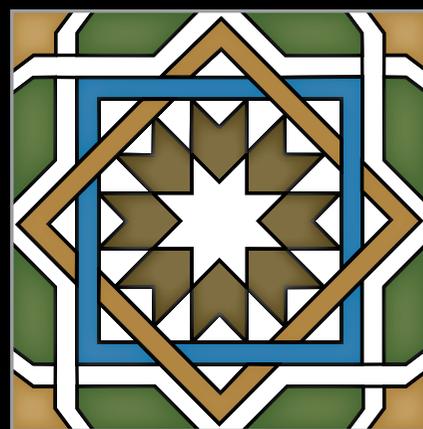
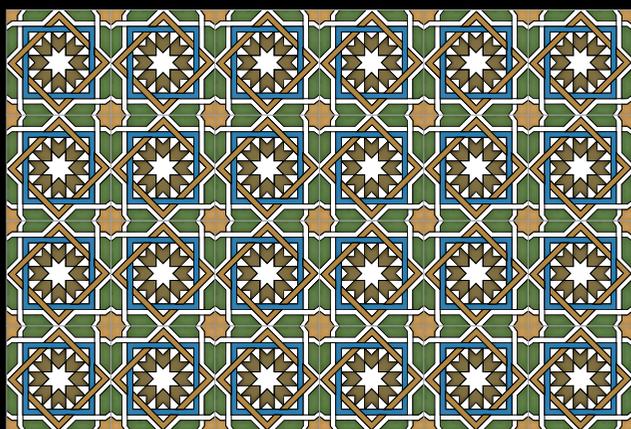
Os azulejos hispano mouriscos, também conhecidos como mudéjares, são uma produção muito distintiva da segunda metade do século XV – século XVI com um dos seus principais focos na região andaluza, na cidade de Sevilha, herdando uma tradição cujas raízes se encontram na cultura islâmica.

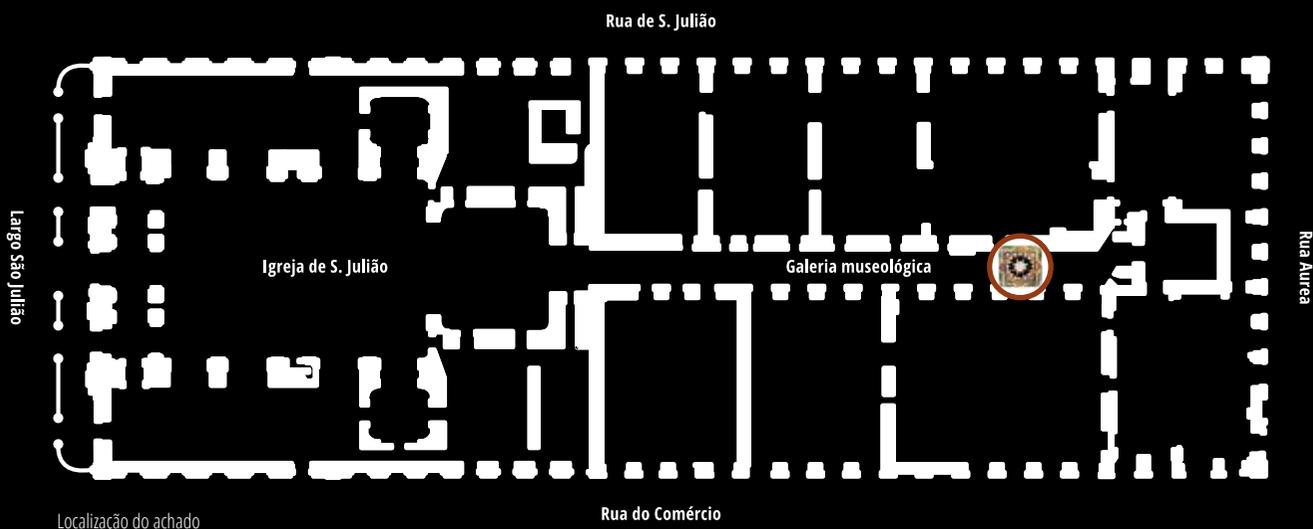
Alvo de consideráveis importações para Portugal na primeira metade do século XVI, estes azulejos viriam a decorar grandes obras como palácios e igrejas, com realce para duas encomendas: uma Bispo-Conde D. Jorge de Almeida em 1503 para a Catedral de Coimbra e outra de D. Manuel em 1508, com mais de 10 000 peças, compra que estimularia o gosto por este produto na corte portuguesa.

As técnicas de fabrico destes azulejos repartiam-se especialmente pela *corda seca* e pela *aresta*, diferenciadas pelo tipo de limite entre as áreas a colorir que era gravado na pasta fresca: sulcos no primeiro caso, micro relevos no segundo. A gramática decorativa era variada, no caso dos azulejos de *corda seca* centrada em motivos geométricos que, combinados em conjunto, se traduziam em padrões repetitivos e intrincados.

A partir da segunda metade do século XVI e com a afirmação da produção nacional, estes artigos viriam a cair em desuso, substituídos por novas tendências decorativas e técnica de fabrico, a faiança / majólica, que estariam na origem de uma das mais reconhecidas artes portuguesas.

Desenho de Painel com padrão





Localização do achado

## ^ O achado

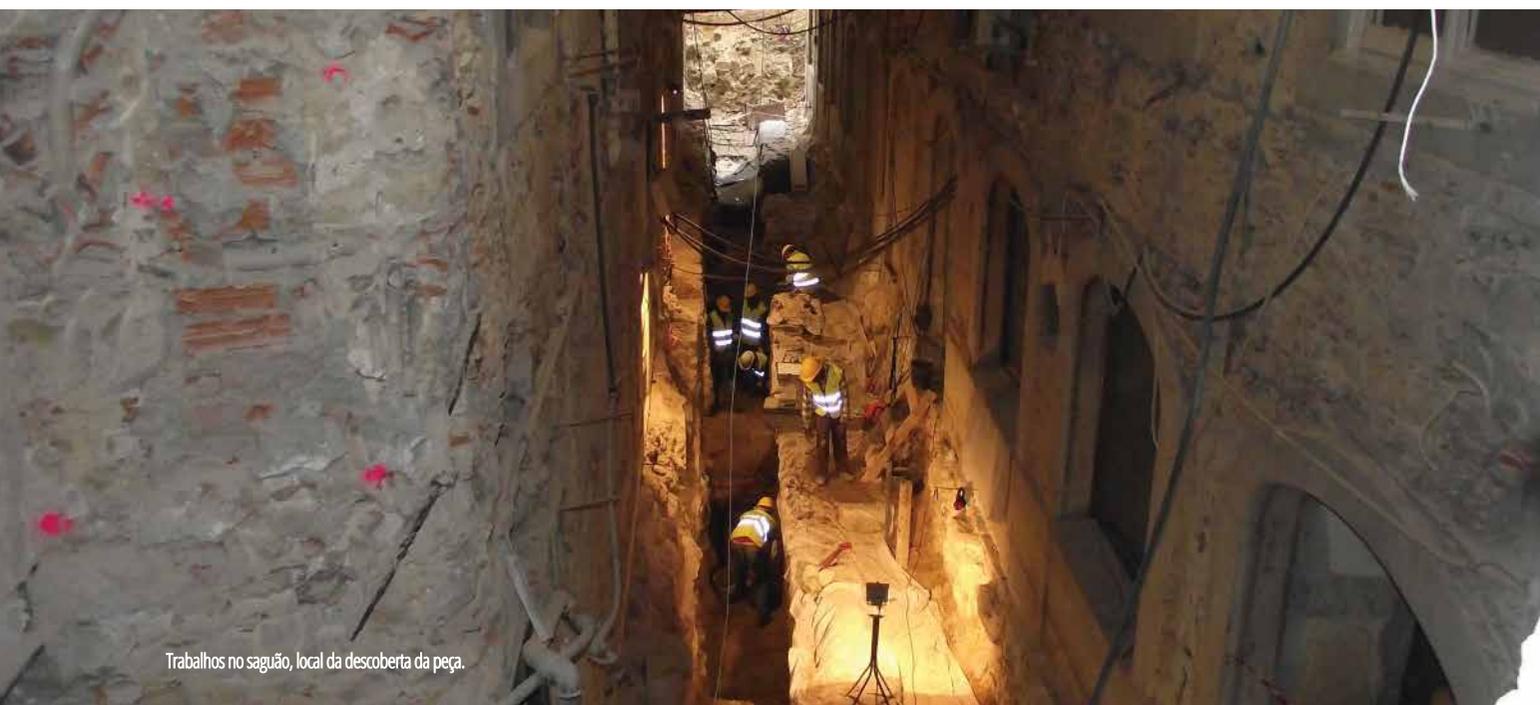
Inserido num conjunto de aterros pombalinos e contemporâneos, este azulejo foi recolhido na zona do saguão, onde actualmente se encontra exposta a Muralha de D. Dinis. Embora se encontrasse descontextualizado devido a obras recentes, a sua associação ao Paço Real da Ribeira de D. Manuel é uma hipótese bastante forte, reforçada pelo aparecimento de um segundo elemento, mais danificado, nas imediações.

## ✓ Outras informações

Embora do Paço Real da Ribeira de D. Manuel apenas tenham sobrevivido elementos fragmentários, parte do espólio que o compunha, como este azulejo, foi recuperado nos aterros criados durante a reconstrução pombalina. Provavelmente, este exemplar hispano-mourisco decorre da referida encomenda de 1508 e incorporaria um conjunto entretanto desaparecido.

Na escavação arqueológica da Sede do Banco de Portugal descobriram-se quase 1200 fragmentos de azulejo cuja cronologia se inicia no século XVI e se estende até ao século XX, na sua esmagadora maioria bicromáticos, conjugando azul e branco.

Entre eles, destacam-se alguns elementos ainda *in situ* integráveis nas edificações pré-terramoto de 1755.



Trabalhos no saguão, local da descoberta da peça.